

O DEBATE HISTORIOGRÁFICO ACERCA DA IDEIA DA "PROSTITUIÇÃO SAGRADA" NO ANTIGO CRESCENTE FÉRTIL

*Keila Fernandes Batista*¹

Resumo: Neste artigo pretende-se discutir a construção da ideia de "prostituição sagrada" no Antigo Crescente Fértil, no período entre o terceiro e primeiro milênio a.C., a partir da análise feita por diferentes autores do século XIX, XX e início do século XXI acerca deste tema. Serão apresentadas as contribuições dos trabalhos desenvolvidos por cada autor para o tema discutido, assim como suas fontes, e por fim será analisado como o contexto histórico desses autores têm reflexos sobre a leitura e interpretação de suas fontes bem como sobre o desenvolvimento de sua obra, contribuindo assim para a construção da ideia que cada autor desenvolve.

Palavras-chave: "Prostituição sagrada"; Crescente Fértil; contexto histórico; historiografia.

¹ Graduada em História pela Universidade estadual de Londrina. Pós-graduanda em Religiões e Religiosidades na Universidade Estadual de Londrina. Email keila.fernandes@sercomtel.com.br

Abstract: This article intends to discuss the construction of the idea of "sacred prostitution" in the Ancient Fertile Crescent, in the period between the third and first millennium b.C., from the analyses made by different authors from the XIX, XX and the beginning of the XXI century about this theme. Will be presented the contributions of the work developed by each author about the discussed theme, as well as their sources, and at last will be analyzed how the historical context of these authors reflects on the reading and the interpretation of their sources as well as on the development of their work, thereby contributing to the construction of the idea that each author develops.

Keywords: "Sacred prostitution"; Fertile Crescent; historical context; historiography

O debate a respeito da existência da “prostituição sagrada” no antigo Crescente Fértil tem sido tema de pesquisas sobre a antiguidade com hipóteses e interpretações diversificadas. Essas hipóteses giram em torno da existência e objetivos dessa prática. Dentre os pesquisadores que abordam esse tema existem autores que, baseados em suas fontes, afirmam a existência da prática, e aqueles que, a partir de uma interpretação diferente dessas fontes e da leituras de novas fontes, questionam a existência dessa prática como prostituição. Para tais autores seria mais apropriado dizer que o que possivelmente ocorreria seria a prática do chamado sexo ritualístico, que não pode ser encarada com os valores morais da sociedade ocidental contemporânea.

A historiografia pode ser utilizada como objeto de análise para a pesquisa histórica. Ela é obra dos historiadores, portanto fruto das diferentes interpretações que os mesmos têm sobre o passado. No caso da ideia de “prostituição sagrada”, os pesquisadores do assunto têm acesso às informações sobre essa prática por meio de fontes produzidas na antiguidade: o relato de Heródoto sobre as mulheres babilônias do templo de Milita, o relato de Gênesis sobre Tamar e Judá e o de Baruc, sobre as canaítas que ofereciam seus corpos como oferenda aos deuses, e há ainda as fontes orientais, de origem suméria, por exemplo, que listam os funcionários do templo, inclusive as sacerdotisas que

poderiam estar envolvidas com o sexo ritualístico. A partir do contexto no qual está inserido, e da fonte analisada, cada historiador fará uma leitura diferente destas fontes

Cada autor constrói a sua ideia a partir de ideias já pré-concebidas pelas fontes as quais tem acesso. Porém é a partir de seu olhar sobre o passado e sua interpretação das fontes que o historiador desenvolve sua escrita de acordo com aquilo que lhe faz mais sentido.

É o historiador que diante dos diversos materiais deixados pelo passado, de testemunhos que procuram guardar o sentido de cada momento e de cada experiência vivenciada pelos sujeitos históricos, escolhe aqueles que terão direito de aparecer, é ele quem seleciona, recorta e faz aparecer os discursos que terão a oportunidade de apresentar enquanto conhecimento histórico de uma época e lugar. (SIQUEIRA, 2008: 111)

A “prostituição sagrada” ou sexo ritualístico seria uma prática ligada à religião, na qual mulheres comuns e sacerdotisas (as “prostitutas sagradas”) teriam relações sexuais com quem as procurasse com objetivo de ser abençoado com fertilidade, seja para si, esposa, terras ou animais. Por essas relações sexuais, elas receberiam um pagamento, porém o pagamento seria oferecido à divindade ou ao templo.

As questões sobre a “prostituição sagrada” começam a ser debatidas no século XIX, e talvez a obra mais significativa desse período sobre o assunto é o livro de Pedro Dufour, *História da Prostituição Em Todos Os Povos Do Mundo Desde A Mais Remota Antiguidade Até Aos Nossos Dias*. É uma obra extensa, de caráter moralizante e que condena as práticas “idólatras” dos povos antigos, que faziam do sexo parte dos rituais dirigidos aos seus deuses. Para esse autor a “prostituição sagrada” é um fato que é comprovado historicamente pelo grego Heródoto e pelo livro de Baruc, que falam de costumes parecidos em seus relatos.

Em sua obra, Dufour fala da prostituição sagrada na Babilônia, na Fenícia, na Armênia, na Grécia e em Roma. Mas aqui destacarei apenas o que o autor diz sobre essa prática na Babilônia. Para ele o costume da “prostituição sagrada” é quase contemporâneo ao da prostituição hospitaleira². Com a organização das religiões “pagãs” —lembramos que estamos falando de um autor cristão—, resultado da invenção dos deuses (DUFOUR, 1885), as pessoas começaram a fazer oferendas de seus bens para as divindades, logo as mulheres lhes ofereciam seus corpos. Segundo o autor, essa prática, que inicialmente

² Segundo Dufour, essa seria a primeira forma de prostituição praticada por povos primitivos (que o autor não especifica) na qual o dono da casa oferecia ao hóspede suas filhas ou sua esposa em troca de presentes e boa sorte.

ocorria sem organização e nenhum respeito nos templos de divindades pagãs e nos bosques sagrados, foi regulamentada e organizada pelos sacerdotes, tornando-se a essência dos cultos de fertilidade.

Notamos que até então Dufour não cita o pagamento pelos serviços sexuais oferecidos nos templos, ele apenas diz que as mulheres entregavam sua virgindade e seu pudor (no caso das mulheres casadas) como oferenda aos deuses.

Segundo ele, “esta prostituição sagrada, por mais extraordinária, inverossímil e monstruosa que pareça, é um fato de incontestável verdade histórica” (1885), e para confirmar sua posição sobre esse costume, utiliza o relato de Heródoto (mesmo que este não classifique o ato como prostituição) e que escreve no século V a.C.:

A instituição mais indecorosa dos babilônios é a seguinte: todas as mulheres habitantes da região devem ir a um templo de Afrodite uma vez na vida e ter relações sexuais com um desconhecido. Muitas delas, orgulhosas por causa de sua opulência, consideram indigno misturar-se com as outras mulheres e vão até as proximidades do templo em carruagens cobertas, em cujo interior permanecem, com numerosos serviçais à sua volta. Em sua maioria as mulheres agem da maneira seguinte: ficam sentadas no recinto de Afrodite com uma coroa de corda na cabeça. Há uma multidão delas, umas chegando, outras saindo, e são estendidas cordas em todas as direções no local onde as mulheres ficam esperando os homens, para que estes possam circular e as escolham. Depois de uma mulher sentar-se naquele lugar, não voltará à sua casa antes de

um estranho lhe haver lançado dinheiro nos joelhos e de ter tido relações sexuais com ele fora do templo. Lançando o dinheiro, o homem tem que dizer as seguintes palavras: “Chamo-te em nome da deusa Milita” (Milita é o nome dado pelos assírios à Afrodite). A importância em dinheiro pode ser qualquer uma, e a mulher nunca se recusa; ela não tem esse direito, pois aquele dinheiro se torna sagrado; ela segue o primeiro homem que lhe joga qualquer dinheiro, sem rejeitar nenhum. Depois de ter relações com tal homem ela volta à casa, pois terá cumprido suas obrigações sagradas para com a deusa; posteriormente, por mais dinheiro que se lhe ofereça não se consegue seduzi-la. As mulheres belas e bem proporcionadas não demoram a voltar para suas casas; as feias, porém, esperam muito tempo sem poder cumprir a obrigação imposta por essa instituição, e há algumas que ficam lá durante três e até quatro anos. Em certos lugares da ilha de Chipre existe um costume praticamente idêntico a esse. (HERÓDOTO1.199)

O autor também usa um trecho do livro de Baruc, encontrado no capítulo 6 versículos 42-44, redigido entre o fim do século IV e o final do século II a.C., de acordo com os especialistas.

Quanto às mulheres, elas se cingem de uma corda e se sentam nos caminhos, queimando flor de farinha como incenso; quando, pois, uma delas é recolhida por um dos passantes e com ele dorme, zomba da vizinha por não ter sido escolhida como ela o foi, nem ter sido desatada a sua corda. Tudo o que concerne a eles é mentira: como então pensar ainda ou proclamar que são deuses? (Baruc6:42-44)

O que se percebe é que Dufour enxerga nesses costumes a prática da “prostituição sagrada”, pois as mulheres se entregam em nome de uma deusa e oferecem o dinheiro que ganharam a ela. Porém é importante frisar que as fontes citadas por Dufour não falam diretamente da ocorrência da prostituição dentro de nenhum templo, mas ainda assim, o autor afirma a existência de tal prática ligada aos cultos que ele chama de pagãos. Nesse caso podemos perceber que a interpretação de Dufour é feita a partir de conceitos pré-estabelecidos influenciados pelo seu contexto cultural.

O conceito de prostituição que o autor utiliza é importante para a construção da ideia de “prostituição sagrada”. Para ele, qualquer troca de favores sexuais por bens materiais se caracteriza como prostituição. Ambas as fontes citadas por Dufour relatam um costume similar, esse costume seria um dever sagrado que todas as mulheres teriam com a deusa da fertilidade, chamada de Milita por Heródoto e não nomeada por Baruc, mas provavelmente Astarte, por se tratar da região de Canaã. Envolveria pagamento, porém as moedas eram oferecidas à deusa em questão.

Talvez pelo fato de que esse costume envolvesse pagamento pelo sexo, aliado à concepção que Dufour tem de prostituição e de sua postura desfavorável aos costumes dos povos antigos do Oriente

próximo (não cristãos), Dufour tenha enxergado em suas fontes uma forma de prostituição religiosa que, segundo ele, foi a origem da prostituição comum. Segundo Keith Jenkins as fontes são mudas e são os historiadores que formulam o que as fontes dizem (JENKINS, 2004: 67), logo, podemos supor que Dufour apresenta uma “verdade histórica” que ele retirou das fontes sem que essas a afirmassem realmente.

Nota-se que na obra de Dufour que, para ele, a prostituição esteve ligada desde suas origens à figura da mulher, que seduzia e oferecia seu corpo em troca de uma parte da caça do homem, ou então em troca de presentes de um hóspede inesperado, ou então, oferecendo o próprio corpo como oferenda para os antigos deuses, por não ter outro bem que pudesse ser sacrificado.

Dufour escreve em um contexto em que a sexualidade da mulher deve ser controlada para que esta se mantenha casta até um possível casamento no qual possa gerar filhos legítimos para herdar as posses do pai. Assim, a liberdade sexual feminina é controlada pela família e pela Igreja Católica, para que ela se mantenha casta e, em sua condição de responsável pelos desvios dos desejos masculinos, não acabe seduzindo e induzindo um homem a pecar.

Aliada à visão de Dufour sobre o papel da mulher em seu contexto, está a mentalidade religiosa que aponta o sexo como prática pecaminosa e condena o culto a outras divindades. Esses pensamentos em conjunto são perceptíveis quando Pedro Dufour se refere à “prostituição sagrada” como uma forma primitiva e incivilizada de culto aos deuses que ele chama de pagãos.

Para o autor, a conduta do povo da Babilônia quanto aos rituais de fertilidade, nos quais, para ele, havia a presença da prostituição sagrada, acabou por desvirtuar a cidade.

Compreende-se perfeitamente como este espetáculo permanente da prostituição religiosa devia corromper os costumes de Babilônia. Efetivamente aquela cidade imensa, povoada de milhões de habitantes espalhados numa área de cinco léguas, veio a ser em breve um espantoso foco de impudícia. (DUFOUR, 1885)

Sabemos que a sexualidade, em alguns pontos do Crescente Fértil, tais como Babilônia, Suméria, Fenícia e Egito e Canaã, era considerada sagrada e ligada a divindades às quais eram realizados cultos, que para a população, representavam a garantia de suas colheitas, a reprodução de seus animais e de suas famílias. Sobre isso é interessante nos atentarmos para a visão do autor que diz que “a

promiscuidade do sexo é resultado inevitável da barbárie, que não tem outra norma de conduta além do instinto” (1885).

Mas Doufor escreve a partir de um determinado contexto, no qual os valores e a moral conservadora se fazem muito presentes, e influenciado por fontes gregas. Ao dizer que a prostituição sagrada é um fato que pode parecer inverossímil e monstruoso, Dufour deixa claro que concorda com Heródoto quando o mesmo diz que este seria o costume mais vergonhoso dos babilônios (mesmo que não caracterize a prática como “prostituição sagrada”) e ainda confere a Heródoto a posição de testemunha ocular de tal costume, o que confere ainda mais legitimidade à fonte e, conseqüentemente, à ideia de Dufour sobre prostituição sagrada.

Heródoto vira por seus próprios olhos, ali pelo ano 440 antes de Cristo, a prostituição sagrada das mulheres de Babilônia. É provável até que, na sua qualidade de estrangeiro, o venerando pai da historia chegasse a deitar algum dinheiro no regaço de uma formosa babilônia. (DUFOUR, 1885)

Como Dufour também analisa o relato de Baruc a partir de sua visão cristã, é possível que o seu conceito de prostituição também possa ter sido influenciado pelo conceito de prostituição que aparece na Bíblia

hebraica, que considera o sexo fora do casamento, ou seja, ilícito, como prostituição.

Em estudos mais recentes, principalmente a partir da década de 1980, alguns autores, se utilizando das fontes já citadas e mais as fontes originárias do Crescente Fértil, fazem uma discussão diferente sobre a ideia de “prostituição sagrada”. Gerda Lerner é um desses autores. A autora analisa o relato de Heródoto e algumas evidências materiais do Crescente Fértil, como placas de argila com imagens e textos literários, e leis, como o Código de Hammurabi e as Leis Assírias.

Lerner discute a ideia da “prostituição sagrada” como origem da prostituição comum, porém a autora, logo no início, diz que tal prática nunca existiu e tampouco deu origem à segunda. Quando analisa o relato de Heródoto, Lerner diz que o historiador grego pode ter confundido o ritual anual que envolvia todas as mulheres assírias com as atividades das prostitutas, pois estas costumavam circular em volta do templo onde havia grande fluxo de pessoas, portanto, de possíveis clientes. Mesmo com a presença das prostitutas em volta do templo ele descreve apenas o ritual à deusa Milita.

O trabalho de Lerner é influenciado pelos estudos da História das Mulheres, e percebemos em sua escrita a ênfase que a autora

confere à importância do papel feminino na religião de alguns povos do Crescente Fértil.

Lerner discorre sobre a independência sexual e financeira das sacerdotisas *ene* das *naditum*, mulheres de família real que se dedicavam ao culto de Shamash e Inanna/Ishtar. Essas mulheres estavam em posição de prestígio e poder religioso e foram colocadas no patamar de “prostitutas sagradas” por conta das traduções equivocada dos termos e da leitura das fontes clássicas, que já traziam pré-conceitos acerca dos cultos de fertilidades realizados na região do Crescente Fértil.

Percebemos a influência dos estudos sobre história das mulheres quando a autora aponta hierarquização das mulheres nos códigos de lei usados como fonte. Segundo sua análise das Leis Assírias e do Código de Hammurabi, as mulheres eram divididas entre “respeitáveis” e “não respeitáveis”. As mulheres livres e as sacerdotisas tinham status muito superior às prostitutas e escravas. As primeiras, segundo as Leis Assírias, deveriam usar véus, enquanto as últimas eram proibidas de fazê-lo.

A autora ainda defende uma mudança na mentalidade dos assírios. Segundo ela, em meados do terceiro milênio a.C. com as crescentes conquistas territoriais, a sociedade vai se tornando mais

militarizada e mais androcêntrica. As mulheres passam a ser vistas como espólios de guerra tornando-se escravas em haréns e bordéis e as leis que a autora analisa são redigidas com a intenção de classificar e controlar o comportamento feminino.

Porém é interessante notar que a partir do momento no qual a autora analisa essas leis, a mesma começa a se referir às *kulmashitumeqadishtum*³, das quais ela pouco fala por falta de evidências, como prostitutas do templo, pois essa é a expressão utilizada na tradução do fragmento da lei que ela analisa. Ela diz que com a hierarquização promovida pelas leis que pretendiam identificar as mulheres “castas” e as mulheres “públicas”, essas prostitutas do templo foram igualadas às prostitutas comuns. Ou seja, a autora aponta uma desvalorização do papel das sacerdotisas a partir do período em que o comportamento das mulheres começa a ser controlado pelos homens.

Esse pensamento de Lerner pode ser um tanto quanto confuso, pois mesmo afirmando a não existência da “prostituição sagrada” e defendendo uma mudança na mentalidade assíria que permitiu que o papel religioso das mulheres fosse desvalorizado, ao analisar o trecho

³ Segundo Gerda Lerner, estas eram funcionárias do templo de menor status se comparadas às *naditum*. Porém a autora diz que as evidências sobre elas são confusas, não especificam se elas participavam dos rituais de fertilidade, mas dizem que elas poderiam ter sido amas de leite.

da lei assíria a mesma não atenta para qual termo foi utilizado no idioma assírio para designar as prostitutas do templo e assim o utiliza no final do texto, entrando em contradição com a sua afirmação no começo.

No que se refere à influência do contexto do autor em sua obra, o texto de G. Lerner reflete a influência do pensamento feminista da autora, que trabalha com estudos voltados para a história das mulheres, ou seja, a influência mais marcante que vemos em sua obra é de seu contexto acadêmico, visto que a autora produziu trabalhos voltados para as pesquisas na área de História das Mulheres. É importante destacar que na década de 1980, a chamada História das Mulheres já sofria mais desdobramentos e passa a ser designada por Gênero, ou seja, Lerner escreve no período no qual a categoria gênero está se consolidando.

Concordando com Lerner sobre a inexistência da “prostituição sagrada”, temos o historiador Gonzalo Rubio. O autor traz uma importante discussão em seu artigo, que aborda as más interpretações das fontes utilizadas para o desenvolvimento de trabalhos sobre a prostituição sagrada.

Para Rubio, a ideia de “prostituição sagrada” surge do equívoco de traduções das fontes, e, no caso da Bíblia hebraica, até mesmo interpretações mal intencionadas por parte de seus autores. Assim as

mulheres envolvidas com o sexo ritual acabaram por ser colocadas no mesmo patamar de prostitutas comuns pelos autores dos relatos bíblicos, e mais tarde, pelos leitores desses relatos e das fontes gregas.

Rubio destaca a importância do papel das mulheres em cultos que envolviam a prática sexual como portadoras da bênção da fertilidade, e até mesmo representantes de uma deusa. Para ele, assim como para Gerda Lerner, a posição de destaque dessas mulheres perdeu força com a crescente presença dos homens dentro dos templos, embora nenhum dos dois autores explique o aumento da presença masculina nas posições de poder da religião. Portanto, mesmo não sendo da área de gênero, é possível perceber que, em seu trabalho, Rubio acaba por analisar o papel feminino dentro da religião da Babilônia e de Canaã e inclusive cita a possível presença de homens envolvidos nos cultos de fertilidade que exerciam o papel feminino dentro do templo e o papel masculino fora do templo. Ou seja, é possível encontrar elementos dos estudos das relações de gênero inseridos em seu texto.

A historiadora Stephanie Lynn Budin também afirma a não existência da “prostituição sagrada” e trata essa ideia como um mito que surge de construções literárias baseadas nos relatos de Heródoto e da Bíblia hebraica, e destaca que não há nenhuma referência a essa prática

nas fontes do Crescente Fértil. Budin também analisa fontes orientais, como listas de funcionários dos templos e leis.

Para ela, a ideia de “prostituição sagrada” foi construída com base em poucos textos e nas fontes já citadas, pois essas fontes apresentam a visão de elementos que são exteriores à cultura dos povos da Mesopotâmia e da terra de Canaã, que foram lidas e interpretadas como evidências da existência da prostituição sagrada. Assim, tanto os autores das fontes, quanto seus leitores, segundo Budin, enxergaram prostituição onde havia apenas uma manifestação religiosa na qual a sexualidade era parte importante dos cultos.

Porém é importante destacar que, mesmo defendendo a ideia da existência de importantes sacerdotisas ligadas aos cultos de fertilidade Gonzalo Rubio e Stephanie Lynn Budin ainda questionam a própria existência da prática sexual nos cultos de fertilidade.

Em sua obra, Budin discorre sobre autores que relacionam qualquer passagem relativa ao sexo sagrado com prostituição. A autora completa: “Exceto que nem mesmo o “sexo sagrado” tenha realmente existido, e todos nós fomos deixados apenas com uma grande quantidade de ar quente” (BUDIN, 2008: 8). Portanto ela nos leva a pensar se essa prática sexual realmente existiu dentro dos templos como parte de um ritual, mesmo que existam algumas evidências materiais

representando a relação sexual dentro de um culto, como placas de argila e incrustações. (Anexo A)

Por sua vez, Rubio acrescenta em sua discussão sobre a confusão entre os rituais de fertilidade e a prostituição sagrada: “Não há nada de estranho em um ritual religioso no qual se realizava, ou tão somente simulava um ato sexual, que tenha se tornado uma forma mercenária e degradada de liturgia...” (RUBIO, 1999:135). Quando o autor indica que os rituais poderiam somente simular a prática sexual, ele também coloca em questão a existência do ato sexual.

Podemos perceber que esse tema gera muitos questionamentos e divergência entre os autores. Os autores mais recentes trazem discussões interessantes, porém, em alguns aspectos as pesquisas ainda deixam várias lacunas, talvez por que se trata de um tema do qual existam muitas referências e poucas evidências diretas. Existem muitos autores que concordam com a existência da prostituição sagrada, e essa ideia só foi questionada recentemente, portanto ainda há muitas questões a serem discutidas. Por exemplo: Se a posição das sacerdotisas na Babilônia era privilegiada, porque houve essa mudança de mentalidade citada por Lerner que fez com que esse importante papel das mulheres entrasse em declínio e acabasse comparado à prostituição comum? Se existem evidências materiais, porque Budin e Rubio

questionam a existência do sexo sagrado? Além disso, devemos frisar que esses autores que questionam a existência da “prostituição sagrada”, apontam que Heródoto, ao falar das mulheres do templo de Milita, estaria enxergando a “prostituição sagrada” no costume, porém o próprio Heródoto não se refere a essa prática anual como “prostituição sagrada”. O mesmo ainda afirma em seu relato que esse ritual é obrigação de todas as mulheres da Babilônia, e não apenas sacerdotisas, mas foram essas últimas que foram estigmatizadas como prostitutas sagradas segundo Lerner, Budin e Rubio.

Questões como essa são complexas e exigem uma análise profunda das fontes orientais escritas e materiais. Porém, os autores que desconstruem essa visão tradicional da “prostituição sagrada” trouxeram uma nova perspectiva de um fenômeno da antiguidade que até então não havia sido questionado. Eles introduzem novas fontes e analisam as já utilizadas. Assim sendo, há a possibilidade para que outras interpretações sejam feitas a fim de iluminar as questões que ficam em aberto em seus próprios trabalhos.

REFERÊNCIAS

Textos Antigos

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 1994.

HERÓDOTO. **História**. Tradução do Grego, Introdução e Notas de Mário da Gama Kury. Brasília/DF: Universidade de Brasília, 1985.

MEEKS, Wayne A. (gen. ed.) **The HarperCollins Study Bible: New Revised Standard Version, with the Apocraphal / Deuterocanonical books**. San Francisco: HarperSanFrancisco, 1993.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 1994.

HERÓDOTO. **História**. Tradução do Grego, Introdução e Notas de Mário da Gama Kury. Brasília/DF: Universidade de Brasília, 1985.

MEEKS, Wayne A. (gen. ed.) **The HarperCollins Study Bible: New Revised Standard Version, with the Apocraphal / Deuterocanonical books**. San Francisco: HarperSanFrancisco, 1993.

Bibliografia

BUDIN, Stephanie Lynn. **The Myth of Sacred Prostitution in Antiquity**. Cambridge University Press, 2008.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Antiguidade Oriental: Política e Religião**. São Paulo: Contexto, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro/RJ: Forense Universitária 2002.

DUFOUR, Pedro. **História da Prostituição Em Todos Os Povos Do Mundo Desde A Mais Remota Antiguidade Até Aos Nossos Dias**. Lisboa: [Lisboa Empreza Litteraria Luso-Brazileira](#), 1885.

HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto**. Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 1999.

HERING, Fabio Adriano. Heródoto e o Interesse no Contexto da *Polis* Ateniense. **Phoînix**, Rio de Janeiro/RJ, ano 6, 2000. p. 156-164.

_____. Atenas e Némesis: Acerca da Lógica Investigativa e da Unidade Discursiva das Histórias de Heródoto. **Varia História**, Belo Horizonte/MG, n 31, 2004. p. 209-219.

JENKINS, Keith. **A História Repensada**. São Paulo/SP: Contexto, 2004.

LAMBERT, W. G. Ancient Near Eastern Studies: Mesopotâmia, in: ROGERSON, J. W., LIEU, Judith M. (eds.) **The Oxford Handbook of Biblical Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 74-88.

LEME, Edson Holtz. **Noites Ilícitas**. 2ª edição, Londrina/PR: EDUEL, 2009.

LERNER, Gerda. **The Origin of Prostitution in Ancient Mesopotamia**. The University of Chicago Press: Signs, Vol. 11, No. 2, 1986.

MURPHY, Emmett. **A História dos Grandes Bordéis do Mundo**. Proto Alegre, RS: Artes e Ofícios Editora Ltda, 1983.

RUBIO, Gonzalo. ¿Vírgenes o Meretrices? La prostitución sagrada en el Oriente antiguo. **Gerión**, Madrid, n°17. 1999. Disponível em: <http://www.ucm.es/BUCEM/revistas/ghi/02130181/articulos/GERI9999110129A.PDF> Data de acesso: 02/11/2010.

SALLES, Catherine. **Nos Submundos da Antiguidade**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SIQUEIRA, Tatiana Lima. Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero. **Revista Artemis**, vol. 8, 2008.

STUCKEY, Johanna H. Sacred Prostitutes. **Matrifocus**. Cross-Quarterly for the Goddess Woman. Samhain v.5-1, 2005. Disponível em: <http://www.matrifocus.com/SAM05/spotlight.htm>Data de acesso: 02/11/2010.

ANEXOS

ANEXO A



Imagem 1. "Mulher na janela", frequentemente interpretada com uma prostituta, sagrada ou não, aguardando clientes, mas na verdade, muito provavelmente, a deusa mesopotâmica Kílili, uma associação ou aspecto de Inanna/Ishtar. Uma das muitas incrustações em marfim do mesmo motivo encontrada na Mesopotâmia, mas provavelmente feita na Fenícia/Canaã. Datada de cerca de 900 a.C. © S. Beaulieu, a partir de Shepsut 1993: 115 (*apud* STUCKEY, 2005).

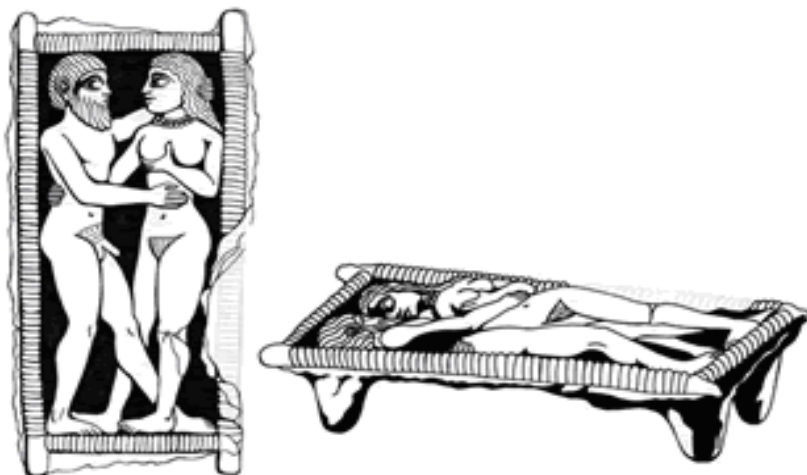


Imagem 2. Um grande número de imagens em terracota de amantes em camas encontrado na Mesopotâmia. Frequentemente ligados ao ritual do "Sagrado Matrimônio", onde a mulher é vista como uma "prostituta sagrada". Datado do terceiro milênio a.C. © S. Beaulieu, a partir de Teubel 1984: 117, Placa 19 (*apud* STUCKEY, 2005).



Imagem 3: Vaso de Uruk, com uma procissão de sacerdotes nus carregando presentes para o santuário de Inanna. Inanna os saudando na porta de seu templo.

Alabastro. 3'. Uruk, Mesopotamia. Quarto milênio AC. © S. Beaulieu, 1989:137.